

NEWSLETTER

PEÇA DO MÊS | fevereiro

Autocarro N° 837

O Autocarro n° 837 entrou ao serviço em 1968. Integrou aquele que foi o primeiro conjunto de autocarros Daimler Fleetline construídos com o volante à esquerda, de acordo com as necessidades e exigências do trânsito lisboeta. Foi com o seu semelhante, o n° 807, que a CARRIS, em 1967, somando aos vários veículos de transporte público que possuía, atingiu as mil unidades. De forma a assinalar esse facto, o Autocarro n°837 circulou durante algum tempo ostentando a seguinte legenda "*Eu sou o 1000º veículo ao serviço da Lisboa*".



Originalmente os autocarros Daimler e AEC vestiam a cor verde. Com o rejuvenescimento da frota, a partir de 1975, através da chegada dos Volvo e, mais tarde, dos MAN e dos IVECO, passou a ser utilizada a cor laranja nos novos veículos. Assim, procurando coerência visual a CARRIS adotou nos antigos autocarros, de um e dois pisos, esta nova cor. Nos anos 90 a CARRIS optaria por colorir toda a sua frota de serviço público do clássico "amarelo" CARRIS, já tradicional nos elétricos.



NOVIDADES | fevereiro

Já conhece os nossos novos produtos?

A CARRIS lançou novos artigos que poderá encontrar na loja do Museu da Carris ou encomendar online.

Destacamos as garrafas de vidro com as ilustrações do Elétrico N°904 (700ml) e do Autocarro N°486 (1000ml).



SABIA QUE...

Existem vários textos literários que descrevem ou prestam homenagem aos elétricos da CARRIS?

Este mês propomos um excerto do romance *Maria Benigna* de Aquilino Ribeiro que nos leva numa breve viagem por Lisboa.

"Havíamos apeado do eléctrico adiante do Calvário e subido par a par, como *matrimónio* que anda em busca de casa, a Rua Luís de Camões, "rua muito de cidade de província que vai dar à estação", com a sua amplitude de circunstância, o seu sossego, duas ou três ourivesarias, pequeninas e luzentes, e talhos e padarias, vastos e às moscas. A mais de meio cortámos para o *square* que ali desafia, com seus bancos pintados de fresco, acácias, aroeiras e duas ameixoeiras da Pérsia, os marçanos a depor o cabaz das compras e a jogar o botão ou descansar. Há prédios à banda, mas não se vêem nem nos vêem.

Cheira a tintas e pela nesga da rua transversa, alçando a vista, descortinam-se no Cemitério dos Prazeres os luaceiros da pedra e, por cima dos ciprestes, em pandemónio, os telhados cor-de-rosa do Campo de Ourique. A norte, os moinhos esqueléticos de Monsanto recreiam o chão amarelo e despido do cabeço."



Fig. 1 – Fotografia do Martim Moniz com elétricos a circular e o Castelo de São Jorge no cimo da colina, década de 40.